



PROTOCOLO DE CONSULTA PRÉVIA, LIVRE, INFORMADA E DE BOA FÉ DA COMUNIDADE QUILOMBOLA, PESQUEIRA E VAZANTEIRA DE CROATÁ





PROTOCOLO DE CONSULTA PRÉVIA, LIVRE, INFORMADA E DE BOA FÉ DA COMUNIDADE QUIOMBOLA, PESQUEIRA E VAZANTEIRA DE CROATÁ

REALIZAÇÃO



**INSTITUTO
ENCRUZILHADA**

APOIO



CPP
CONSELHO PASTORAL DOS
PESCADORES E PESCADORAS
Minas Gerais e
Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

M838p Moreira, Agda Marina Ferreira.
Protocolo de consulta prévia, livre, informada e de boa fé da comunidade quilombola, pesqueira e vazanteira de Croatá [livro eletrônico] / Agda Marina Ferreira Moreira, Jesus Rosário Araújo, Júlia Cotta Lima de Oliveira. – 1. ed. – Januária, MG : Instituto Encruzelhada, 2025.
il. color.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-5278-460-5
DOI: 10.70271/251105.1620

1. Consulta prévia – Comunidades tradicionais. 2. Quilombolas – Direitos. 3. Pesca artesanal – Comunidades. 4. Vazanteiros – Minas Gerais. 5. Convenção 169 da OIT. I. Araújo, Jesus Rosário. II. Oliveira, Júlia Cotta Lima de. III. Título.

CDD 323.11981

06 QUEM SOMOS

08 NOSSAS IDENTIDADES E SEUS SIGNIFICADOS

11 NOSSA HISTÓRIA E NOSSO TERRITÓRIO

16 CONFLITOS E RETOMADAS

21 NOSSO PROTOCOLO DE CONSULTA LIVRE, PRÉVIA, INFORMADA E DE BOA FÉ

22 POR QUE ESCRREVEMOS ESTE DOCUMENTO?

25 PROCESSO DE CONSULTA

27 *Quem deve nos consultar*

28 *Como queremos ser consultados*

29 *A forma que a consulta deverá realizada*

30 *Quais os tempos da consulta*

32 *Em que local a consulta deverá ser feita*

32 *Como daremos retorno a quem nos consultou*

32 *Como se encerrará o processo de consulta*

34 FICHA TÉCNICA





QUEM SOMOS


Somos uma comunidade quilombola, pesqueira e vazanteira que vive às margens do Rio São Francisco, localizada no município de Januária, norte mineiro, a 595 km da capital de Minas Gerais. Nosso território está em processo de regularização fundiária junto aos órgãos competentes, sendo reconhecida pela Fundação Cultural Palmares (FCP) em 17 de outubro de 2016. Originada por famílias de ancestralidade negra, de comunidades que desenvolviam suas principais atividades socioeconômicas nas “barrancas do rio”, tendo na pesca artesanal e no plantio nas vazantes, o principal modo de vida.

Também somos um povo extrativista, que tira dos frutos e das plantas do cerrado e da caatinga, parte significativa do que comemos e produzimos, além de estar nestes biomas parte de nosso conhecimento ancestral sobre os “mistérios” e a medicina tradicional que ainda utilizamos em nosso dia-a-dia.

É no rio que nossa identidade se faz cotidianamente, sendo este, parte inseparável do nosso território e aspecto que funda nossa territorialidade e por ele seguimos em luta por meio do processo de retomada. Como dizem aqueles que aqui vivem: “o rio é nosso pai, nossa mãe, nosso marido. Ele é tudo pra nós!”. Além de ter nossas atividades sociais, culturais, ancestrais e econômicas em torno do rio, nós também caminhamos com ele, vivendo às suas margens no período das vazantes e nos deslocando para as partes altas, nos períodos em que suas águas tomam parte do nosso território.

E esta é uma das nossas principais características: a de um modo de vida que não somente depende do rio, mas que respeita seu movimento, pois somos também seus guardiões, responsáveis pela sua manutenção, pela preservação dos seres que nele residem e dos modos de saber e fazer que se consolidaram nas atividades desenvolvidas há gerações junto ao São Francisco.

Resumindo, somos um povo que se fez e se move pela Resistência e pela luta em prol dos direitos ao nosso território.

A man wearing a striped polo shirt and a baseball cap is rowing a boat on a wide river. The scene is captured at sunset or sunrise, with a warm, golden light reflecting on the water. The man is in the foreground, looking towards the right. A large, white, wavy graphic element frames the left side of the image. In the bottom left corner, there is a white rectangular box containing a quote in Portuguese.

**O rio é
nosso pai,
nossa mãe,
nosso marido.
Ele é tudo
que temos!**

NOSSAS IDENTIDADES E SEUS SIGNIFICADOS

Uma característica própria dos povos que se formaram nas barrancas do rio São Francisco é sua diversidade de identidades. Nós, da comunidade de Croatá, nos reconhecemos como:

Quilombolas

Somos quilombolas porque temos uma forma de vida comunitária, baseada na tradição, resistência e ancestralidade, em comunhão e em profundo respeito à natureza e ao nosso território, já que somos um povo que depende dessa relação para nos reproduzir.



Vazanteiros

Somos vazanteiros porque quando o rio baixa, aproveitamos a terra molhada para produzir nossas roças, complementamos com o peixe a nossa alimentação diária, preservamos e fazemos uso de sementes crioulas e observamos o tempo certo de plantar, os ciclos dos astros e obedecendo às regras da vazante. Nosso tipo de plantio é diferenciado, porque “o vazanteiro come na cama do peixe” (Genivaldo Batista, 2025).

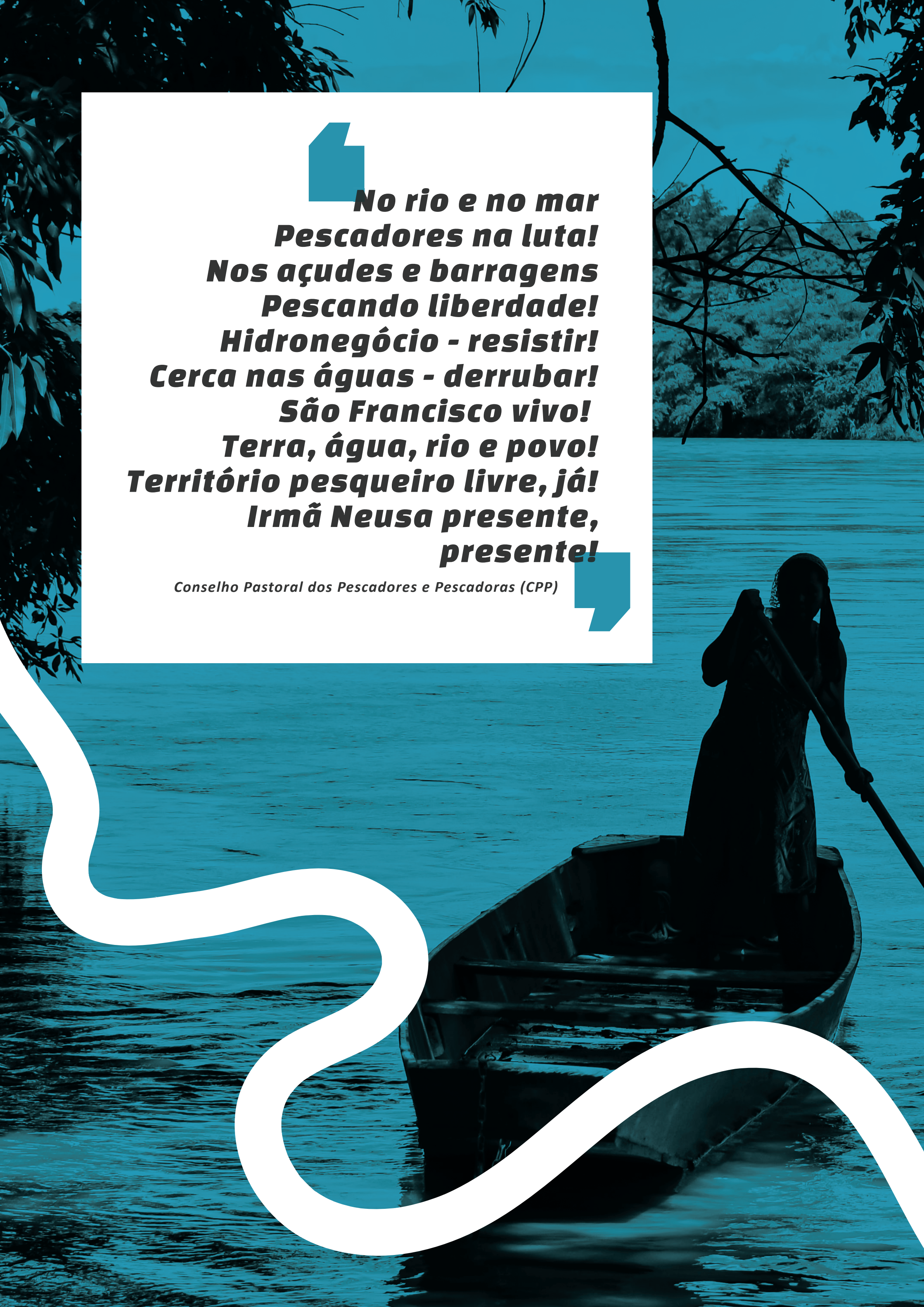
Pescadores

Somos pescadores artesanais e possuímos uma relação de respeito e amor com o rio São Francisco, sendo ele “nossa sustentação, tudo, fornece o alimento, vida, traz fartura, as lagoas como berçários de peixes, traz a água para lavar as vazantes”. Aprendemos a pescar com nossos antepassados, no tempo certo, com os instrumentos que nós mesmos produzimos artesanalmente, à partir da mata e respeitando os demais pescadores que também dependem do rio para viver.



Ou seja, nossa identidade é diversa, pois “o vazanteiro não vive sem a pesca e o pescador não vive sem a vazante, tudo junto e misturado, uma atividade complementa a outra” (João Batista, 2025).

O povo de Croatá é um povo de luta, um povo de resistência. Apesar das mazelas da vida, o povo de Croatá resiste aqui. Eles vivem aqui. Como eu já ouvi muitas coisas assim. Como é que você vive ali? Num lugar daquele que não tem estrada, não tem água potável, não tem ponte, não tem internet, não tem coleta de lixo? Então, como é que você vive ali? Eu vivo aqui porque aqui é o meu lugar. Eu sou apaixonada por Croatá. Então, assim, você moraria em outro lugar? Não. Eu não me sentiria bem, nem me identifiquei com lugar nenhum. Assim, sabe?” (Maria das Dores, 2025).



**No rio e no mar
Pescadores na luta!
Nos açudes e barragens
Pescando liberdade!
Hidronegócio - resistir!
Cerca nas águas - derrubar!
São Francisco vivo!
Terra, água, rio e povo!
Território pesqueiro livre, já!
Irmã Neusa presente,
presente!**

Conselho Pastoral dos Pescadores e Pescadoras (CPP)

NOSSA HISTÓRIA E NOSSO TERRITÓRIO

A formação da nossa comunidade tradicional remonta o tempo dos antigos, que descendo as barrancas do rio São Francisco, originários de comunidades quilombolas e indígenas, aqui encontraram um lugar fundamental para construir suas casas e criarem seus filhos, pescando no rio, plantando nas vazantes e extraindo elementos da natureza.

Os que aqui “*de primeiro chegaram*” construíram suas casas de pau-a-pique, suas canoas de madeira e suas redes de pesca a partir dos elementos da natureza. Construíram suas roças e tiravam dela e do rio seu alimento diário. Por isso para nós, o Rio e as matas são sagrados, são nossas protetoras, são eles que trazem nosso sustento, permite nossa vida e nossa paz. E é através desses elementos que nos guiamos e damos continuidade a nossa ancestralidade.



Nós temos quilombola que vem de Gameleira, nós temos quilombola de Sangradouro, nós temos quilombola daqui de Alegre, tem os pescadores que vem lá da Palmeirinha. Então, nós acolhe eles todos e eles todos fazem aquela família, faz com que a gente fique com essas diferenças, mas com os pensamentos da mesma, tudo igual”
(Maria das Dores, 2025).

Dessa nossa relação profunda com as matas e com o rio originou-se o nome da nossa comunidade Croatá –nome científico *coroá* – que é uma planta que produz uma fibra resistente que servia para fazer corda e rede de pesca “*naquele tempo não tinha corda, então era uma feitura da tradição a rede croatá*” (Arnaldo da Silva, 2025).

Nosso modo de vida se fundamenta nos conhecimentos dos nossos ancestrais, na nossa fé, nos elementos da natureza, no extrativismo de pequi, jenipapo, tingui, madeiras como juá, das plantas medicinais, nos ciclos dos astros, na observação da mata, da lua, do sol, das águas e de todos os seres não humanos que compõem nosso território. Nós somos o rio e as matas e eles são

nosso território que, composto por lugares sagrados e fundamentais, permite a nossa continuidade.



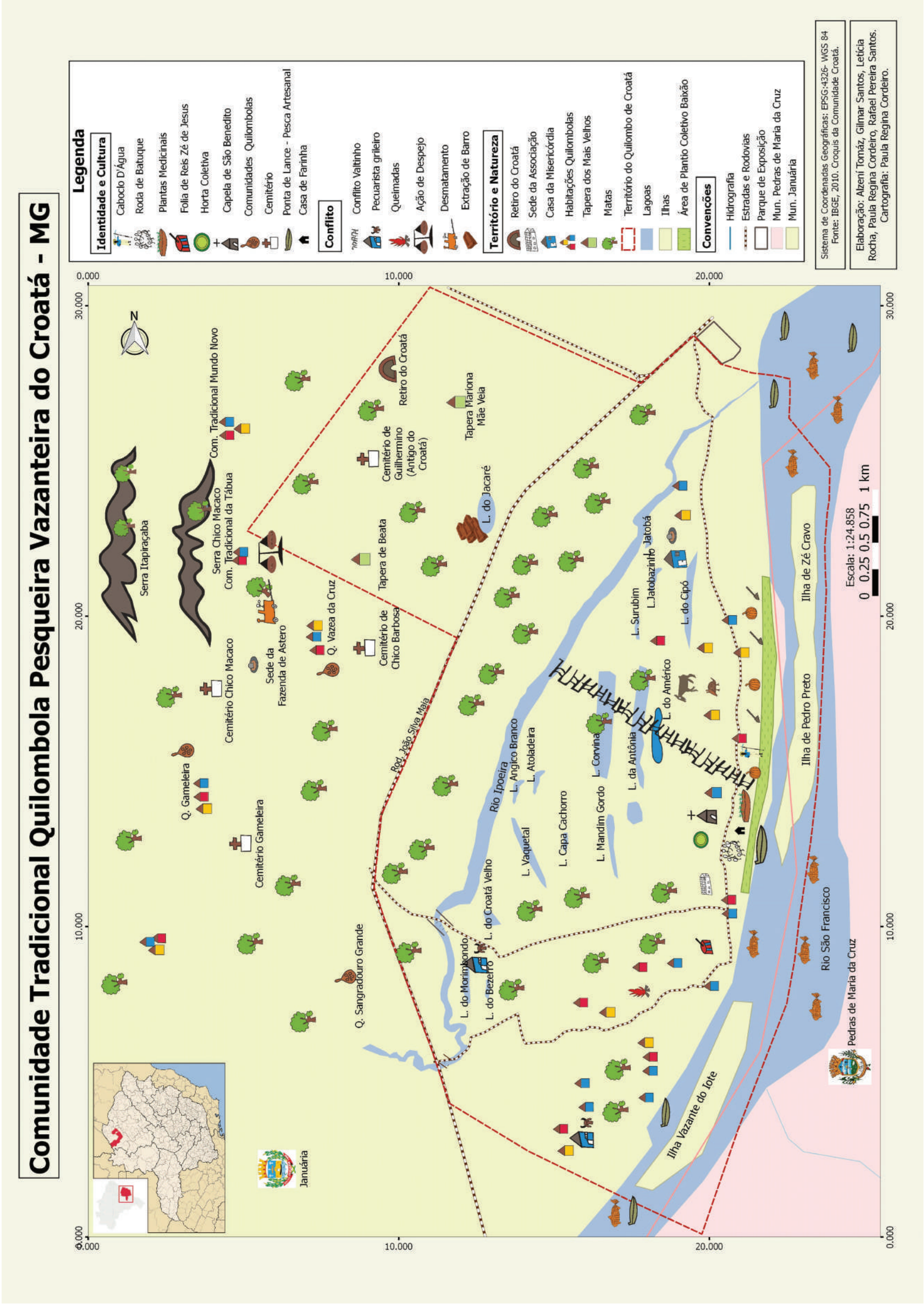
“E aí se deu Croatá por causa de um cipó, uma lacuna que chama Croatá, então a gente faz embira deles para poder fazer rede. Você pega ele, ele é tipo assim, tipo piteira. Se você não conhece uma piteira ela cresce e fica grandona assim então, aí o pessoal pega ele e bate bate aí e fica tirando aquela seda, daquela seda o pessoal tirava aí trouxe e fazia as cordas pra poder fazer rede, fazer corda pra poder pescar, fazer uns anzol. De primeiro, não tinha a tecnologia que tem hoje, então a tecnologia foi nós”

(João Batista, 2025).

O território de Croatá é composto pelo Retiro, pelas famílias que vivem às margens do rio, pela sede da Associação comunitária, pela Casa da Misericórdia, pelas taperas, como a dos mais velhos, as matas, as serras, as ilhas- como de Zé Cravo e Pedro Preto- as lagoas, os cemitérios, as vazantes, rio Ipueira, além da nossa

confluência, parentesco e relação com os demais quilombos da região. Além disso, é parte do território tradicional, atualmente não ocupado, as áreas conhecidas por nós como Fazenda Itapiraçaba.

O mapa a seguir demonstra nosso território tradicional:



As lagoas são parte importante da nossa vivência, uma vez que no tempo da seca, é nelas que pescamos. São cuidadas pelo rio Ipueira, afluente do São Francisco: *“que chamamos de ‘Mãe Ipueira’, que a gente tem, ela como mãe, porque ela que abastece todas as lagoas”* (Arnaldo da Silva, 2025). Os caboclos d'água são os protetores das águas e dos peixes e tudo que vive ali. Temos também nossa mãe das matas que é sagrada e nos protege e nos dá os alimentos.

“A roça sempre foi a mãe, porque uma roça, você entra dentro de uma roça agora, você vai lá, você tirou um milho, acabou? Não acabou nada. Você volta mais tarde e você acha, uma abóbora, acha uma melancia, acha uma batata, uma mandioca”
(João Batista, 2025).

Quando o rio *“baixa”* é o momento que plantamos nas vazantes, feijão, milho, mandioca, melão, entre outras produções. Dependemos das chuvas para plantar na parte alta da comunidade, por isso nessa parte plantamos somente no período das águas (das chuvas).

“A vazante a gente só planta quando o rio enche que o rio vaza. Aí a gente vai lá e planta na vazante, ainda tem que plantar com a lama, né? E aí a gente procura plantar na época da lua, né? A gente tem que procurar a época da lua.” (Maria das Dores, 2025)





“Mas observamos a lua, é por causa que a lua tem uma determinação de força. Então a gente sabe que a lua é um regular, ela vem de geração, ela regula muitas vezes. Ela é uma regulagem, ela vem de geração, ela regula muitas coisas”

(Arnaldo da Silva, 2025).

Soltar a rede para a gente é sagrado, respeitamos o rio e os seres que neles vivem, temos regras e organização da pesca. Nossa pesca é artesanal e realizada somente no período fora da piracema. Desenvolvemos vários tipos de pesca: de rede, de tarrafa, de anzol, de arpão, que chama flecha também.

“E a pesca artesanal, você tem que fazer seu material e aí já a pesca predatória já compra pronto, né? Já compra aquele material lá, já pronto pra poder pescar. E nós temos que fazer o nosso. Nós não compra pronto. Nós temos o barco artesanal, que é o barco de madeira, entendeu? Que tudo é feito artesanal também. Até o barco de chapa também é artesanal, que é que eles tudo aprendem”

(João Batista, 2025).

Nosso padroeiro é São Benedito, o escolhemos por nos identificar com sua cor, sua história e passamos a adotar sua imagem como símbolo de proteção e de fé da comunidade. As ladainhas em dezembro são outro elemento da religiosidade de Croatá e através delas e das festas tradicionais, manifestamos nossa cultura.



CONFLITOS E RETOMADAS

Nossa territorialidade se compõe a partir do nosso meio e modo de vida, pelo qual seguimos resistindo no território de Croatá, principalmente a partir dos conflitos que vivemos em 1979, em que ocorreu uma enchente que invadiu nossas casas e nos obrigou a ocupar as partes altas. Quando retomamos as margens do rio, os conflitos com os fazendeiros que expropriaram nosso território se iniciaram, nos obrigando a viver nas ilhas em que resistimos até 1990, quando iniciamos nosso processo de retomada.

“Porque nós começamos mesmo a guiar o território, foi em 1979, que foi a cheia maior que teve, que entrou na cidade, não ficou ninguém na beira do rio, ninguém ficou por aqui, nós fomos todo mundo, para Barreiro, Itapuã, Campo de Avião, Brejo do Amparo, outros foram para Tijuco, Riachim, então todo mundo foi pros Altos. E aí, quando o pessoal voltaram, aí já teve impedimento de nós não entrar mais nas áreas que nós morávamos. Aí o que é que ficou? O pessoal recuou, uns ficaram pra lá, outros foram embora, outros morreram. E os que ficaram de luta ficaram tudo na ilha, que hoje é a ilha do Pedro Preto, ilha de Zé Cravo, ilha do lote, que é lá em cima, embaixo da ponte, e assim por diante” (Arnaldo da Silva, 2025).

Com o passar dos anos continuamos nosso movimento de recuperar nosso território ancestral e tradicional. Em 2012 realizamos a nossa maior retomada, o povo cresceu, vieram de outras comunidades, todos unidos pela luta. Desde então, vivenciamos diversos conflitos pela disputa territorial, com fazendeiros, grileiros e jagunços, que soltam o gado de forma desordenada nas áreas de plantio das famílias quilombolas destruindo as roças; ameaçam as lideranças, inclusive de morte; invadem parte do território tradicional promovendo desmatamento para venda de madeira de lei; exercem coerção e promovem trânsito de pessoas desconhecidas, gerando insegurança aos moradores.

“O gado vinha, destruía as vazantes, destruía tudo ali, pisoteava, falava que ia pagar, nunca ressacia ninguém. Então ser o povo do Croatá, pra mim, é resistência. Pra mim, é muito desafiador, porque naquela época a gente não tinha conhecimento de nada. E aí, com o passar dos anos, que a gente vai tendo os apoiadores, saindo pra conhecer outras realidades, outros povos” (Enedina Souza, 2025).



Então ser de croatá é ser um povo... Preservador. Que preserva a mata, que preserva as águas, que preserva as lagoas (...).

Vivemos em conflitos com os pescadores amadores e “donos de lance”, por eles não terem compromisso com o meio ambiente, descartam lixo no rio e nas encostas; ameaçam, agredem e intimidam os pescadores artesanais; lançam rede de modo indevido, que agride e desconsidera as práticas tradicionais; além de promoverem o aumento de trânsito de pessoas desconhecidas no território.

Além dessas ameaças, estamos sofrendo com as transformações das mudanças climáticas, da poluição, da extração do minério de ferro, do uso de agrotóxico e venenos pelas empresas próximas do território e que despejam tudo no Velho Chico. Isso causou impactos no nosso modo de vida, como a diminuição dos peixes do rio e a redução das possibilidades de plantio nas vazantes.

Antes era melhor porque tinha mais coisas, assim, se plantava e as coisas davam em abundância diferente de hoje, devido à situação de tanto agrotóxico. Então hoje, o que você planta na vazante não é o suficiente para
você se manter”

(Maria das Dores, 2025).





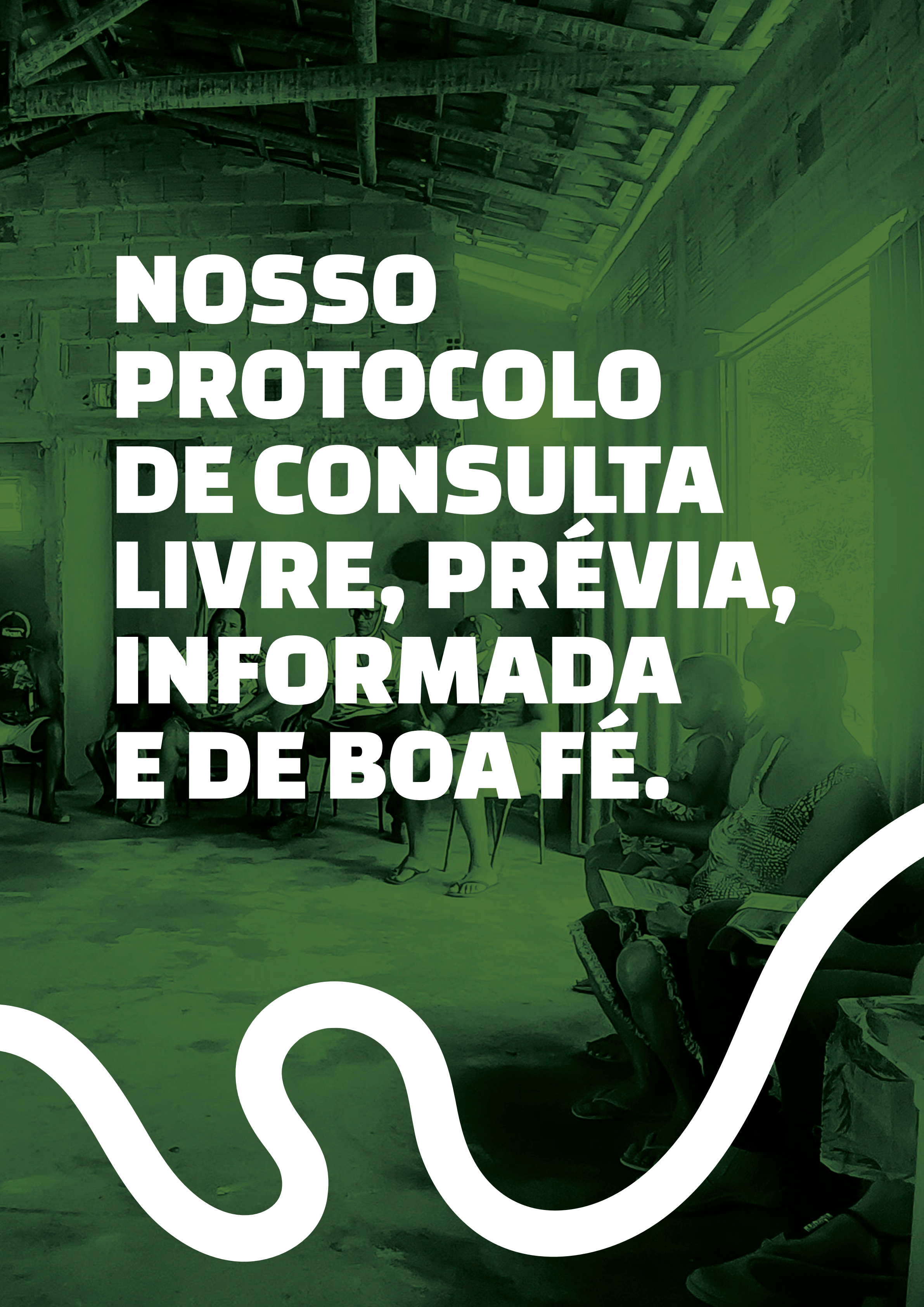
Mas nos nossos movimentos fizemos alianças com parceiros que nos ajudam na defesa do nosso território e modo de vida. A Irmã Neusa foi uma das aliadas que representou uma grande parceira de luta, assim como o Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP), a Rede Cáritas, o Programa de Proteção aos Defensores dos Direitos Humanos (PPDDH), o Ministério Público Federal (MPF), as Comunidades Quilombolas de Cabaceiras, Caraíbas, Balaeiro, Sangradouro, Comunidade de Canabrava, entre tantos outros parceiros.

Dessa forma, escrevemos o Protocolo como mais uma forma de proteger nosso território e exigimos nosso direito de sermos consultados de atos que gerem qualquer tipo de impacto.



“Então ser de Croatá é ser um povo... Preservador. Que preserva a mata, que preserva as águas, que preserva as lagoas. Que quer continuar sobrevivendo aqui, que pode dizer que é dentro de uma área, né? Mas quem é que tá aqui e quer sair pra lá?”
(Enedina Souza, 2025).





**NOSSE
PROTOCOLO
DE CONSULTA
LIVRE, PRÉVIA,
INFORMADA
E DE BOA FÉ.**

POR QUE ESCRREVEMOS ESTE DOCUMENTO?

Por sermos uma comunidade que agrega 3 identidades distintas, enquanto povo tradicional, a compreensão deste aspecto é indispensável ao processo de construção do protocolo, uma vez que possuímos formas de lutas diversificadas, que se fazem necessárias à garantia de direitos e defesa do território, ao definir como devemos ser consultados em projetos e decisões que nos afetam.

O protocolo é um instrumento de autonomia e organização, que formaliza como a comunidade funciona, a sua cultura e seus costumes, garantindo que o diálogo com o Estado, empresas e outros agentes externos sejam adequados e respeitem seu tempo. Para nós, se o território ou natureza é a mãe, o rio é o pai e ambos os espaços se encontram em disputas e constantes perdas. Assim, o protocolo deve nos oferecer:





Garantia de respeito à cultura

Ao detalhar costumes e modos de vida, o protocolo garante que as decisões sejam tomadas de forma que respeitem a cultura local, ao invés de impor o tempo e a agenda externa.

Definição do processo de consulta

O protocolo estabelece os passos, as pessoas e os costumes que devem ser respeitados no processo de consulta, garantindo que a comunidade possa expressar sua voz e seu jeito de maneira significativa.

Defesa dos territórios e direitos

Funciona como uma ferramenta de defesa para a comunidade, ajudando a garantir seus direitos e a proteger seus meios de vida contra impactos de projetos e políticas.

Fortalecimento da autonomia

Permite que a própria comunidade defina a sua forma de organização, tomada de decisões e participação, o que é importante para a manutenção de nossa autonomia e identidade cultural.

Orientação para o Estado, empresas e outros agentes externos

Serve como um guia para o poder público, para empresas e os de fora que precisam interagir com a comunidade, informando como devem se aproximar e quais são os limites e os procedimentos adequados.

A questão territorial é de grande importância para as comunidades quilombolas, sendo a principal pauta de lutas e reivindicações, uma vez que a manutenção sociocultural de dada comunidade, está diretamente vinculada ao território em que estão inseridas. No caso do território de Croatá, este aspecto é central, uma vez que a comunidade vivencia um processo de retomada territorial, além de estar em um território fluido, que se movimenta junto com o rio São Francisco, aspectos que devem ser considerados.

Dessa forma, nosso protocolo é uma ferramenta na luta e defesa para somar com os processos de titulação territorial e ao Termo de Autorização de Uso Sustentável (TAUS), pois não sabemos quando o título definitivo do nosso território será efetivado. Com o protocolo, ficamos munidos de mais um instrumento de luta da comunidade, do território e para acesso aos nossos direitos, constantemente negados.

É uma forma que construímos de fortalecer a comunidade perante os órgãos públicos, pois através dele, espera-se dos agentes externos que, ao se remeterem a nós, respeitem a comunidade e o estatuto da Associação. É também uma forma de nos proteger dos diversos atores que ameaçam expropriar nosso território, nos expulsar, desrespeitam nossos documentos, ameaçam e agridem nosso povo, nos impedindo de ir e vir, reduzindo cada vez mais nosso espaço.

Nós sabemos onde começa e onde termina nosso território e com nosso protocolo, queremos melhorar a comunicação do mundo de fora com a comunidade e mostrar que existimos, que somos organizados, que somos guardiões do nosso território e que não o degradamos, vivendo em confluência com a natureza. Dessa forma nosso protocolo é para todos saberem como se procede com a comunidade, reconhecendo nossos direitos como quilombolas, pescadores e vazanteiros.





O PROCESSO DE CONSULTA

Garantido pela Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), com a adesão do Brasil em 2003, o direito à consulta livre, prévia, informada e de boa fé, nos confere o direito de sermos comunicados e de participarmos dos diálogos, tratativas e negociações que venham impactar nossas vidas, nossos corpos e nossos territórios. Além de legitimar nossa participação nestes processos, também temos o direito de indicar entidades e parceiros reconhecidos por nós, para nos acompanhar e nos auxiliar. Assim entendemos sobre as particularidades da consulta:

■ **LIVRE:** nenhum membro da comunidade pode sofrer qualquer tipo de pressão para tomar decisão.

■ **PRÉVIA:** antes de qualquer decisão, toda a comunidade deve ser consultada.

■ **INFORMADA:** a comunidade tem direito de acesso a todas as informações da consulta.

■ **BOA FÉ:** a busca do acordo com a comunidade de ser transparente, leal e ético. Sem opção de ter vantagem naquilo que está sendo consultado.

Mais do que isso, o Estado, além de ser o responsável por realizar a consulta, também deve considerar as especificidades de nossa comunidade, devendo respeitar a forma como nós, da comunidade de Croatá, queremos ser consultados. E quem nos garante isso é a Convenção 169, que diz:

Artigo 6º

a) Consultar os povos interessados, mediante procedimentos apropriados e, particularmente, através de suas instituições representativas, cada vez que sejam previstas medidas legislativas ou administrativas suscetíveis de afetá-los diretamente.

Artigo 7º

1. Os povos interessados deverão ter o direito de escolher suas próprias prioridades no que diz respeito ao processo de desenvolvimento, na medida em que ele afete as suas vidas, crenças, instituições e bem-estar espiritual, bem como as terras que ocupam ou utilizam de alguma forma [...] além disso, esses povos deverão participar da formulação, aplicação e avaliação dos planos e programas de desenvolvimento nacional e regional suscetíveis de afetá-los diretamente.





Resguardados na lei, que apresentamos as formas definidas, coletivamente, como queremos ser consultados:

Quem deve nos consultar

Os entes públicos- de abrangência municipal, estadual ou federal- empreendimentos, empresas, Universidades, Organizações da Sociedade Civil e qualquer outro agente externo, diante de qualquer ato administrativo ou projetos e pesquisas a serem desenvolvidas, dentro ou próximo do território de Croatá, devem realizar a consulta.

A consulta também vale para propostas de parcerias, doações ou ações de cunho social e acadêmico a serem realizadas no território, a fim de verificar a disponibilidade e o interesse da comunidade em relação à ação que está sendo proposta.

Como queremos ser consultados

A consulta se dará de forma coletiva, devendo o contato ser feito, segundo ordem de prioridade, aos seguintes sujeitos:

A SER CONSULTADO: A Associação Quilombola, Pesqueira e Vazanteira de Croatá, segundo a ordem de prioridade, em caso de ausência e/ou impossibilidade:

1º a ser consultado: o presidente da Associação;

2º a ser consultado: vice-presidente da Associação;

3º a ser consultado: diretoria da Associação e lideranças.

A SER COMUNICADO: Informar sobre a proposta, projeto ou empreendimento também aos órgãos competentes e que atuam em prol dos direitos das comunidades quilombolas.





A forma que a consulta deverá ser realizada

A forma de consulta deve ser por meio de envio de ofício para o e-mail da associação e por mensagem de WhatsApp e/ou ligação para o presidente em exercício (a verificar), visando a formalização e o registro da consulta. A mesma também deverá respeitar o Estatuto Social da associação.

Deve-se enviar uma proposta formal solicitando uma reunião junto à comunidade, no intuito de apresentar o projeto que se pretende consultar, em linguagem didática, acessível, com o uso de vídeos, figuras e áudio, de forma a incluir membros letrados e não letrados da comunidade. Nessa proposta devem ser informados os impactos e os benefícios para os comunitários e os não humanos que fazem parte do território.

É de extrema importância a tradução e adequação de siglas, expressões técnicas e identificação das leis que resguardam, tanto o projeto ou a ação apresentada, quanto o direito dos povos e comunidades tradicionais.

Após o envio do ofício, caberá à associação e às lideranças mobilizar os demais moradores para a reunião e responder ao agente externo as possíveis datas para a realização. Em hipótese alguma o agente externo poderá mobilizar os moradores para reuniões e consultas.

QUAIS OS TEMPOS DA CONSULTA

Considerando que a consulta envolve um amplo diálogo e entendimento por parte dos membros da comunidade, o tempo de duração de uma consulta, desde o primeiro contato, até o encerramento, deverá seguir um processo, sendo ele dividido em quatro etapas:

ETAPA 1 ***Pré-consulta***

Nesta etapa, a consulta terá um caráter informativo, em que o agente externo deverá informar à comunidade do que se trata o projeto, sem esperar qualquer tipo de aceite ou decisão de nossa parte. Esta etapa servirá para conhecermos a proposta de intervenção, em detalhes. Durante a pré-consulta, nenhum representante da empresa, empreendimento ou ente público, poderá fazer contato, pessoalmente ou por telefone, com nenhum membro da comunidade, devendo aguardar nosso tempo de articulação e mobilização.

ETAPA 2 ***Consulta interna***

A partir das informações disponibilizadas na etapa anterior e enviadas por arquivos para as lideranças, a comunidade iniciará seu processo de consulta interna, com os moradores da comunidade e parceiros acionados por nós, com o objetivo de compreendermos do que se trata o objeto da consulta.

Sendo assim, serão realizadas quantas reuniões forem necessárias junto aos membros da comunidade, até que a proposta seja compreendida por todos, tanto os pontos positivos (ganhos) e negativos (impactos), tendo foco na coletividade e nos possíveis danos aos nossos modos de vida e às relações dentro do território.

O retorno com uma possível data para tirar nossas dúvidas, será comunicado pelo presidente da Associação comunitária, via e-mail ou Whatsapp, ao agente da consulta, assim que a comunidade tiver se organizado para levá-las para a próxima fase.

ETAPA 3

Fase “Cair as folhas secas”

Nesta etapa será iniciado o processo de negociação entre comunidade e agente externo, solicitante da consulta. Nesse momento a comunidade irá trazer as dúvidas que surgiram nas nossas discussões internas e dialogar sobre as possibilidades e possíveis impactos, benefícios e reparações.

Vale ressaltar que este processo contará com a participação de órgãos competentes, entidades parceiras e pessoas que apoiam a comunidade de Croatá, quando convidados por nós, a fim de nos auxiliar, no que diz respeito à compreensão das leis que nos atendem e de que forma estes direitos devem ser garantidos. Essa fase ocorrerá quantas vezes forem necessárias até sanar todas as nossas dúvidas e promover nossa compreensão do projeto.

ETAPA 4

Fase “batendo o martelo”

Após a realização de reuniões, diálogos amplos a respeito do tema e do entendimento sobre as afetações da ação, projeto ou empreendimento, a comunidade, de forma coletiva, mediante votação, vai bater o martelo se aceita ou não a intervenção administrativa em seu território ou próximo a ele.

Em que local a consulta deverá ser feita

Por estarmos localizados às margens do rio São Francisco, tendo nossas relações e modos de vida distintas, de acordo com o período do ano, estabelecemos dois espaços/possibilidades onde o processo de consultas deverá ser realizado, sendo:

Período das cheias: Retiro

Período das vazantes: Salão da Associação comunitária

Observação: Vale ressaltar que, no período da cheia do rio (de novembro a abril), nossa comunidade se desloca para as “partes altas”, dessa forma a consulta nesse período será realizada somente em casos excepcionais (a serem avaliados pela comunidade). Tal aspecto pode variar, de acordo com a condição climática de cada ano.

Como daremos retorno a quem nos consultou

A comunicação com os agentes que realizam a consulta, será feita via e-mail e mensagem de Whatsapp, a ser encaminhada pelo presidente em vigência da Associação comunitária.

Como se encerrará o processo de consulta

O processo de consulta será dado como encerrado após a fase do “bater o martelo”, compreendendo que esta é a etapa final de discussões coletivas em relação ao tema. Por se tratar de votação, em plenária, a decisão será conhecida ao final da reunião e posteriormente formalizada, por escrito, pelo presidente da Associação da Comunidade Quilombola, Pesqueira e Vazanteira de Croatá.



FICHA TÉCNICA


REALIZAÇÃO:

Instituto Encruzilhada

PESQUISA E ELABORAÇÃO:

Agda Marina Ferreira Moreira, Jesus Rosário
Araújo e Júlia Cotta Lima de Oliveira

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:

 **elfnt** | Tulio Jander
DESIGN





INDOS A
DICIONAL
EIRA
ROATA'

